

## Thatcher Morreu. A Tina não

### Author(s):

[Salvatore Cannavò](#) <sup>[1]</sup>

### Show Author Info?:

0

Aquilo que mais impressiona na morte de Margaret Thatcher é a quantidade de comentários, juízos, por vezes mordazes, a girar na rede e depois nos jornais aquando da notícia do seu desaparecimento. Na Grã-Bretanha brindou-se, os mineiros festejaram. Até em Itália podemos ler alguma satisfação póstuma, pelo menos nos bares, toda muito sentida. O comentário mais certo foi, certamente, o de Ken Loach ? privatizem o seu funeral, ela gostaria que fosse assim ? em cuja invetiva cáustica se mistura a nostalgia de um tempo perdido. Tantas satisfações são, na verdade, manifestações de uma impotência e revelam o gosto amargo de uma derrota, ocorrida logo no final dos anos setenta, de quem aspirava a ideais de igualdade e solidariedade. A que morreu no outro dia era uma velha senhora de ferro aguçado, que entre 1979 e o fim dos anos 80 dismantelou antigas conquistas sociais inglesas, dobrou ferozmente os rebeldes irlandeses, contribuiu para a grande viragem liberal e moderada da economia global.

Se, à distância de 30 anos, Thatcher ainda suscita tantos sentimentos, é no entanto um facto que a sua política social imprópria ainda está viva e perpassa grande parte das escolhas económicas, pelo menos na Europa. O longo curso liberal que anima a construção da U.E., que produziu a crise económica atual e que, paradoxalmente, inspira as políticas que pretendem resolver essa mesma crise ? veja-se a Grécia - é ainda aquele que foi inaugurado por ela e por Ronald Reagan. Não obstante, o facto de essa corrente ter produzido verdadeiras catástrofes, ainda hoje encontramos finos comentaristas que não só reivindicam a herança da dama de ferro mas que ainda desesperam com o facto de ainda existirem forças de esquerda moderada que não fazem suas todas as ideias de Margaret Thatcher.

Um dos líderes dessa corrente é certamente António Polito, editorialista do Corriere della Sera, em tempos Senador da Margherita e fundador do diário Il Riformista com o qual tentava trazer a ?esquerda? italiana para a linha justa. A sua memória da ex primeira ministra inglesa transpira entusiasmo e admiração, sinal de um desejo profundo de ver uma líder similar também em Itália., possivelmente originária da esquerda. Quando na Grã-Bretanha começou a era Tony Blair, que de Thatcher importou as ideias fortes instilando-as no ?Old Labour? inglês, a esquerda passou por tempo de discussão sobre as suas fronteiras e a sua própria natureza. Nasce então a era da Terceira Via e, para quem se recorda, a da ?Oliveira mundial<sup>1</sup>?, a continuação natural, à esquerda, do tempo do liberalismo Thatcheriano.

Essa fase incubou uma era de prosperidade, defendem os seus artífices. Uma análise mais concreta, e menos ideológica, parece indicar o contrário. Entre a metade dos anos 90 e a

metade dos 2000, o capitalismo globalizado viu levantarem-se, graças às direitas e esquerdas liberais, todos os travões à sua exuberante, e destrutiva, expansão. O histórico contraste entre a liberdade dos "espíritos animais" e a necessidade de contê-los com políticas públicas que favorecessem a igualdade e a solidariedade, fracassou com o tempo. Toda a política se fez liberal e liberalizadora e os eleitores começaram a deixar de perceber a diferença entre os governos da social-democracia e os dos conservadores. Todos os comentadores empenhados, aqueles que ao longo dos últimos vinte anos repreenderam constantemente a esquerda pelo seu conservadorismo ? na realidade esperando que a esquerda se transformasse, como aconteceu, numa moderna direita ? torceram pela mutação genética. Que acabou por acontecer. O crescimento dos populismos europeus explica-se também por isto. E a vitória do Movimento 5 Estrelas em Itália ? que ao populismo, no entanto, não pode ser associado ? acontece no momento em que aquela distinção está no mínimo.

Se pensarmos bem, estamos ainda no tempo de Margaret Thatcher. As políticas públicas sofrem ainda dos seus ataques à igualdade e da sua exaltação do individualismo. Tal como os programas dos partidos. Quando existem, as políticas sociais reproduzem uma aproximação à compaixão e a ideia de que "não existe uma alternativa" (a famigerada TINA ? There is No Alternative) domina o discurso político. Este tempo não acabou com a sua morte. Ela descansará em paz. Todos os outros terão ainda de encontrar uma alternativa válida à sua garra de ferro.

*Artigo publicado em Il Fatto Quotidiano [2] a 9 de Abril de 2013. Tradução de André Beja para esquerda.net*

---

*Nota do tradutor:*

1 Referência à coligação "Oliveira", de centro Esquerda, que suportou os governos de Prodi e D'Alema, entre 1996 e 2001.

## **Sumário da Home:**

Quando existem, as políticas sociais reproduzem uma aproximação à compaixão e a ideia de que "não existe uma alternativa" (a famigerada TINA ? There is No Alternative) domina o discurso político.

## **Lead:**

Quando existem, as políticas sociais reproduzem uma aproximação à compaixão e a ideia de que "não existe uma alternativa" (a famigerada TINA ? There is No Alternative) domina o discurso político.

## **Sobre o/a autor(a):**

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)

- Wikifugas
  - Ficha Técnica
- 

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/opiniao/thatcher-morreu-tina-n%C3%A3o/27431>

**Ligações:**

[1] <http://www.esquerda.net/autor/salvatore-cannav%C3%B2>

[2] <http://www.ilfattoquotidiano.it/2013/04/09/thatcher-e-morta-tina-no/557160/>